

Contribuições do pensamento de Paulo Freire e da Arte para desenvolver uma formação humanizadora com crianças pequenas

Contributions of Paulo Freire's thought and of Art to develop a humanizing formation with young children

Apports de la pensée de Paulo Freire et d'Arte pour développer une formation humanisante avec les jeunes enfants

Camila Gomes Arellaro Caetano
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
camila.arelaro@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-2487-3055>

Lisete Regina Gomes Arellaro
Universidade de São Paulo
liselaro@usp.br
<https://orcid.org/0000-0001-7581-8622>

RESUMO

Este artigo discorre sobre as aproximações das artes e do pensamento de Paulo Freire em formações humanizadoras. As linguagens artísticas ainda são elementos pouco utilizados como fundamentais em propostas formativas e neste artigo propomos, a partir do pensamento epistemológico freireano e da linguagem teatral, explicar caminhos para a transformação social com vistas à humanização. Consideramos os avanços e as conquistas de uma rede de ensino ao desenvolver uma formação humanizadora com crianças pequenas fruto da disputa política de educadores e educadoras. Apresentamos os aspectos fundamentais para que uma formação humanizadora seja possível e quais as categorias freireanas que impulsionam essa ação transformadora.

Palavras-chave: Paulo Freire. Formação humanizadora. Arte-educação. Conscientização. Política educacional.

ABSTRACT

This article discusses the approximations of the arts and Paulo Freire's thought in humanizing formations. Artistic languages are still little used as fundamental elements in training proposals and in this article we propose, based on Freire's epistemological thought and theatrical language, to explain paths for social transformation with a view to humanization. We consider the advances and achievements of a teaching network in developing humanizing training with young children as a result of the political dispute between educators and educators. We present the fundamental aspects for a humanizing

formation to be possible and which are the Freirean categories that drive this transforming action.

Keywords: *Paulo Freire. Humanizing formation. Art education. Conscientization. Educational politics.*

RÉSUMÉ

Cet article traite des rapprochements des arts et de la pensée de Paulo Freire dans l'humanisation des formations. Les langages artistiques sont encore peu utilisés comme éléments fondamentaux dans les propositions de formation et dans cet article nous proposons, à partir de la pensée épistémologique et du langage théâtral de Freire, d'expliquer des voies de transformation sociale dans une perspective d'humanisation. Nous considérons les avancées et les réalisations d'un réseau d'enseignement dans le développement d'une formation humanisante auprès des jeunes enfants à la suite du conflit politique entre éducateurs et éducatrices. Nous présentons les aspects fondamentaux pour qu'une formation humanisante soit possible et quelles sont les catégories freiriennes qui animent cette action transformatrice

Mots-clé: *Paulo Freire. Humaniser la formation. Éducation artistique. Conscience. Politique éducative.*

Introdução

Atores somos todos nós, e cidadão não é aquele que vive em sociedade: é aquele que a transforma.

(Augusto Boal)

Nesse ano de comemorações pelos 100 anos do nascimento de Paulo Freire, o mundo celebra a vida e a produção desse educador que foi um militante da educação para a liberdade.

Paulo Freire é inspiração para diversas áreas do conhecimento. Suas ideias são reinventadas em universidades do mundo todo, em escolas, creches, espaços culturais, conselhos de saúde, administrações públicas e seu esforço para que a prática educativa fosse transformadora da realidade é exercício cotidiano de muitos educadores e educadoras, políticos, artistas e profissionais de várias áreas.

Discutir uma formação humanizadora no país de Paulo Freire é complexo, um Brasil oprimido, que investe cada vez menos em educação, ciência e cultura e vem cada vez mais destruindo os movimentos ainda organizados nessas áreas. Na verdade, o Brasil também não investe na saúde da sua população, já que o governo atual é o mesmo que

desdenhou da pandemia da Covid-19, e que já perdeu quase 500 mil vidas para este vírus para o qual já existe vacina, mas que o Brasil ainda aplica a conta-gotas.

Além disso, a formação de professores e professoras vem sendo desqualificada ano a ano, perdendo a riqueza de uma formação crítica e humanizadora, uma vez que os projetos de reforma do ensino médio, a Base Nacional Comum Curricular e as tentativas de reformulação radical do curso de Pedagogia e Licenciatura sofrem a intervenção dos órgãos dirigentes, propondo uma visão tecnicista e empobrecedora do processo de humanização. Não por acaso, a valorização quase exclusiva das disciplinas de português e matemática, e o desprezo pelas ciências artísticas e humanas explicitam a visão de formação para o trabalho. Não o trabalho criador e criativo, mas o trabalho a serviço do mercado. O que se pretende é que educadores e educadoras façam aquilo que os manuais mandarem fazer e não criem as suas próprias alternativas de formação e de estímulo à curiosidade.

Por isso, é uma grande emoção escrever este texto, nesse contexto com tantas trevas pairando no ar e nas terras. Estamos exaustos, mas, para nós, a arte ainda é inspiração, renovação e, em muitos sentidos, cura. Falar de uma formação humanizadora nos fortalece para voltar a lutar, e, segundo Freire “o conhecimento emerge apenas através da invenção e da reinvenção, através da inquietante, impaciente, contínua e esperançosa investigação que os seres humanos buscam no mundo, com o mundo e uns com os outros” (FREIRE, 2005), por isso, seguimos!

Humanização: a maior lição do legado freireano

O homem não pode participar ativamente na história, na sociedade, na transformação da realidade se não for ajudado a tomar consciência da realidade e da sua própria capacidade para transformar [...]. Ninguém luta contra forças que não entende, [...] A realidade não pode ser modificada senão quando o homem descobre que é modificável e que ele o pode fazer (FREIRE, 1977, p. 48).

A educação sempre flertou com as artes e suas linguagens, e nosso artigo é inspirado na pesquisa de doutorado de uma das autoras, a tese de Camila Caetano (2020), na qual apresentou contribuições que o teatro pode oferecer para uma formação humanizadora com vistas à transformação social, onde analisou a comunidade de Bolonha, na Itália, e a rede de ensino da primeira infância que tem na arte sua maior inspiração para

a formação das educadoras das creches, bebês, crianças e gestoras/es. Bolonha se tornou referência na formação da primeira infância com arte e como o encontro arte-educação contribuiu para a humanização.

É importante lembrar que para Paulo Freire a humanização sempre foi o objetivo maior de sua teoria epistemológica. Para ele, homens e mulheres podem ser fazedores de suas histórias, no sentido de interferir na realidade e transformá-la, e, por isso, uma educação libertadora seria fundamental no caminho para a construção da humanização.

É nesse exercício coletivo de reflexão, por meio de relações dialógicas, participação social, problematização da realidade, práxis e criticidade que o processo de conscientização vai se construindo e, a partir daí, uma visão crítica amadurece, desvelando a realidade e nossa visão ingênua, que é historicamente mantida pelos sistemas opressores que tentam manter o status quo.

Dessa forma, a opressão social, as desigualdades, os privilégios, passam a ser questionados e possivelmente, nossa postura dócil e obediente passa a ser combativa na e pela luta por direitos sociais, pela liberdade de expressão, pelo acesso à arte, pela educação de qualidade, pela dignidade, entre outras tantas lutas e bandeiras.

Mas, há o outro lado, o processo de desumanização que é facilmente reconhecido nas sociedades capitalistas, as quais tentam manter as desigualdades naturalizadas. Estes sistemas têm como características serem tradicionalistas, racistas, homofóbicos, preconceituosos, manipuladores, opressores e sobretudo individualistas. Segundo Paulo Freire, estas sociedades atuam por meio de uma educação bancária, que é manipuladora, rígida, tecnicista, hierarquizada e que crê no conteúdo e na repetição, onde só “os melhores sobrevivem” e que não estimulam o pensamento crítico. Na verdade, fomentam uma visão ingênua da realidade, o que possibilita uma manutenção guiada conforme os interesses das classes dominantes, e, portanto, explorando as classes populares.

Para haver uma transformação social, uma educação libertadora é fundamental, mas Freire nos alerta que “se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda” (FREIRE, 2016, p. 37). Para mudar uma sociedade, todas as instituições deveriam estar comprometidas com o processo de conscientização. Para que a humanização seja realidade, cidadãos e cidadãs e sociedade devem compreender criticamente a realidade.

Segundo Freire, somos seres inacabados e nossa vocação ontológica é “ser mais”. Este conceito diz respeito à possibilidade que todo ser humano tem — e que nasce com ele — que é a potencialidade para viver plenamente, no sentido de crescer, evoluir, para compreendermos e atuarmos cada vez mais e melhor no e com o mundo e entre nós. Essa ideia nos torna uma espécie de aprendizes eternos, onde a convivência se torna essencial para o conhecimento, para a troca, para aprendermos e ensinarmos uns com os outros, uma disposição de nos educarmos juntos permanentemente. Em Freire (2005, p. 54), “ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”.

O processo de humanização pela educação libertadora pressupõe educadores e educadoras comprometidos com essa visão de mundo, com essa esperança, pois são os/as educadores/as críticos que provocam com amorosidade o diálogo freireano, e desencadeiam um processo de reflexão e participação, o que nos levaria a uma atuação histórica e a uma prática pela liberdade. Por isso, é importante lembramos também que Freire defende que a educação não é neutra, e a educação libertadora contém a força de luta dos oprimidos, nas escolhas e na politicidade de seus educadores e educadoras. No entanto, não são essas preocupações do governo Bolsonaro, uma vez que suas prioridades têm sido: o movimento Escola sem Partido, as escolas cívico-militares e a educação domiciliar (*homeschooling*). Todos com o objetivo de controlar e cassar qualquer ação libertadora.

A arte numa experiência formativa com crianças pequenas em uma cidade italiana

O corpo consciente e curioso que estamos sendo se veio tornando capaz de compreender, de intelegir o mundo, de nele intervir técnica, ética, estética, científica e politicamente. Consciência e mundo não podem ser entendidos separadamente.

(Paulo Freire)

Na história da cidade de Bolonha, na Itália, em meados de 1980, uma educadora crítica teve a iniciativa e a coragem de levar uma de suas turmas da pequena infância ao teatro. Sem recursos, lotou dois taxis e seguiu para um teatro no centro de Bolonha. O ator

que fazia o espetáculo, encantado com aquele *novo* público, se tornou um parceiro fundamental no processo de aproximação da arte com a formação da primeira infância daquela comunidade, tanto em relação aos educandos quanto em relação às educadoras.

Por curiosidade, o ator pediu àquela educadora se poderia ir até a creche que ela lecionava para fazer uma apresentação teatral para/com os bebês. Após algumas experiências e muitas conversas e reflexões positivas, as visitas teatrais passaram a ser realizadas também com as educadoras, e logo aquele acontecimento passou a mobilizar diversas outras creches na cidade. Outras educadoras passaram a pedir que ele fosse se apresentar para suas turmas, e nascia assim a faísca do que seria uma nova prática formadora artística.

Hoje, 40 anos depois, Bolonha é uma cidade referência em relação a formação humanizadora com arte para a primeira infância. Roberto Frabetti, diretor da companhia teatral *La Baracca Testoni Ragazzi*¹ era o artista daquele episódio e Marina Manferrari a professora da creche e pedagoga.

A experiência de Frabetti com os bebês, primeiro como observadores/espectadores, passou aos poucos a ser uma experiência mais ativa, então algumas brincadeiras e convites iam sendo feitos direto aos pequenos, com isso, as professoras iam se aproximando cada vez mais da experiência em si, também por cautela e segurança, e pouco a pouco algumas propostas foram sendo feitas diretamente às professoras. Assim, Frabetti e Manferrari foram desenvolvendo propostas formativas, com o teatro como elemento artístico principal, com e para as educadoras e com e para bebês e crianças, e esse experimento foi fazendo muita diferença na prática educativa das educadoras, que passaram a relatar quão sensível, criativo, divertido, prazeroso e intenso ficaram seus encontros com os bebês e todos foram se apaixonando por esta prática formativa tão interessante e desafiadora. Quando um educador ou educadora atua por meio de uma prática educativa artística, onde o teatro é uma de suas ferramentas, sua disponibilidade e olhar ampliam o estímulo criador da criança. Uma relação horizontal é estabelecida. O diálogo, a troca, o respeito, o olhar, e sobretudo a disponibilidade

¹ *La Baracca Testoni Ragazzi*, fundada em 1976, atua há 40 anos na área de teatro infantil e na primeira infância. As produções da companhia são dirigidas exclusivamente a crianças e jovens. As oficinas teatrais são concebidas para serem realizadas na escola ou com as famílias e representam um espaço de liberdade de expressão. Também organizam cursos de formação para professores e educadores, que incluem workshops, conferências e mesas redondas.
<https://www.testoniragazzi.it/index.php>.

transformam o espaço educativo num espaço de criação permanente, onde todas as possibilidades podem ser propostas para o encontro educativo. Há uma entrega ao encontro de ambos os lados, educador educando, que potencializa a qualidade e propõe humanização.

Depois de quase 40 anos, a relação dos dois continua sólida e comprometida cada vez mais ao princípio de que a arte é parte fundamental para a formação e promoção da cidadania e deve estar sempre acessível a bebês, crianças, jovens, educadores e educadoras, gestores, famílias e a toda comunidade.

Aquele episódio, que parecia uma fábula, se fortaleceu. As educadoras passaram a solicitar para a Secretaria de Educação o encontro com Frabetti, como parte de suas formações. Pequenas verbas públicas foram sendo direcionadas para isso e ano a ano os encontros foram sendo aperfeiçoados, repensados, adaptados e cada vez mais consolidados. Basicamente, as educadoras das creches também lutaram pelo projeto, e a cada novo governo elas se reuniam e reivindicavam que o teatro fosse incluído como parte das suas formações. O projeto se fortaleceu e se transformou em Lei. É hoje conhecido como Protocolo 0-3-6 (um acordo de colaboração estipulado entre o Município de Bolonha, a Secretaria de Educação e o Teatro *La Baracca Testoni Ragazzi*).

O município de Bolonha entrega à companhia de teatro *La Baracca Testoni Ragazzi* a responsabilidade de fomentar a formação de toda a rede de ensino infantil da cidade. Esta parceria é fruto da ousadia e da competência de um coletivo de artistas e educadores que tem construído juntos uma formação humanizadora por meio da arte. O teatro é uma habilidade humana, ou seja, todos somos capazes de usufruir dele, seja como exercício de cidadania onde o teatro sugere possibilidades de explorações de situações e incentiva um ensaio de experimentos em relação a elas, ampliando assim as reflexões em torno da nossa sociedade e de nossa atuação, seja como exercício de sensibilidade, partindo da observação de si mesmo e do outro, e explorando o próprio corpo e o corpo alheio, atento ao outro como ser criador e rompendo definições já dadas, definições essas muitas vezes limitadoras, principalmente em relação às crianças e suas capacidades, que reduzem a possibilidade de conexão.

Bonitezas de uma formação humanizadora com arte

Aquele que transforma as palavras em versos transforma-se em poeta; aquele que transforma o barro em estátua transforma-se em escultor; ao transformar as relações sociais e humanas apresentadas em uma cena de teatro, transforma-se em cidadão.

(Augusto Boal)

Um dos aspectos mais importante em relação a uma formação humanizadora, é que ela deve ser permanente. Este aspecto é também uma categoria freireana fundamental. Para que os resultados sejam realmente transformadores e mobilizem a sociedade, o projeto precisa ser permanente. Bolonha nos mostrou a importância disso por meio da entrevista com a responsável pelo serviço de zero a seis anos da Secretaria de Educação da cidade. Ela disse que quando o teatro começou a ser elemento das práticas formativas, ela ainda era educadora de creche e naquele momento teve receios de incorporar a arte no seu cotidiano, por não ser desinibida teve dificuldade de ver aquela ferramenta como material de trabalho. Mas ela se surpreendeu e com a frequente atuação pela e da arte como parte das formações, ela foi percebendo que aquilo servia para ela ser mais potente como ser humano e como educadora, e não para que ela atuasse como atriz ou outra função da área. A força do trabalho formativo com teatro foi tão grande que ela foi uma das educadoras que migraram de área e sua atuação passou a ser “atrás da mesa”, discutindo cada vez mais a importância de formações artísticas como essa e incluindo outras linguagens artísticas.

É importante frisar que faz 40 anos que a cidade italiana investe nesse tipo de atuação em relação à formação da rede da primeira infância, e, em consequência, hoje, todas as creches, todas as educadoras, todos os bebês, todas as crianças e famílias têm acesso ao teatro e a essa proposta coletiva artística.

Fazemos um destaque para as condições de vida e de atuação profissional na Itália que são muito diferentes do que vivemos no Brasil. Lá os salários das educadoras e de todos os profissionais são dignos, o que permite atuar em “apenas” uma escola e se dedicar exclusivamente a ela; as turmas têm um número pequeno de alunos por sala, o que faz possível uma aproximação maior e mais intensa com cada criança. As formações

permanentes são realizadas entre colegas da mesma unidade, com as famílias, funcionários e gestão, além da frequente troca com toda a rede de ensino; tempo livre para estudar, planejar, viver suas personalidades e, algo fundamental, o acesso às artes de diversas formas e à cultura de modo geral, algo oferecido em grande quantidade e qualidade pela própria cidade, cidade esta que também incentiva o uso de transportes públicos de qualidade, a convivência saudável e a cidadania.

Formação permanente para Freire sugere que somente por meio da busca constante é que o conhecimento pode emergir, pois a pesquisa, a exploração e a curiosidade deveriam ser sempre recursos para novas descobertas, pessoais e coletivas. Essa abertura para o conhecimento nem sempre é simples, mas é ela que pode ampliar nossa visão de mundo, quando usufruímos da possibilidade de nos reinventarmos e inventarmos novas práticas.

Segundo Freire, educadores e educadoras deveriam ser *pesquisadores/as*, buscando em si mesmos novos repertórios, interesses e/ou provocações, porque é este processo de busca permanente que nos faz seres inovadores. A formação humanizadora estimula que a exploração de novas práticas esteja presente cotidianamente, com novas vozes e caminhos.

Por isso podemos dizer da imensa importância da arte nas formações humanizadoras, pois é ela que nos liberta para “voarmos”, embarcarmos em ideias que, às vezes, não aceitaríamos por julgarmos extravagantes ou desnecessárias.

Elliot Eisner, professor de arte e educação na Universidade de Stanford, defende que a arte é fundamental na formação e na liberdade do potencial humano. O autor defende que o objetivo da educação deveria ser entendido como a *preparação de artistas*. Ele não se refere a “artistas” como profissionais das artes (atores, bailarinos, diretores, escultores, etc.), mas a artistas da vida, no sentido de pessoas que desenvolvem as ideias, sensações, habilidades e a imaginação para criar um trabalho que está bem proporcionado, habilmente executado e imaginativo, que é independente do domínio em que um indivíduo trabalha. “Na linguagem popular, um grande elogio que podemos fazer a alguém é dizer que ele ou ela é um artista, seja como carpinteiro, cirurgião, cozinheiro, engenheiro, físico ou professor” (EISNER, 2008, p. 11). As artes ensinam os educandos e educadores a apreciar as consequências das escolhas, a ter confiança nos sentimentos, nas nuances, na intuição, inspiram a serem cidadãos e se responsabilizarem por agir e julgar

na ausência de regras. Essas habilidades cultivam outro modo de se comportar na vida. “A sensibilidade passa a ser parte do processo, e a refiná-lo. Assim, nós nos tornamos inteligentes qualitativamente” (EISNER, 2008, p. 17).

Com o estímulo constante da arte, pouco a pouco não haverá julgamento e preconceitos, há uma aposta de que tudo pode ser uma proposta formativa e pode vir de todos os sujeitos envolvidos. Além disso, é a arte que provoca e mantém o canal da sensibilidade aberto e se não formos atentos e sensíveis, a busca pelo novo conhecimento pode cessar e nos levar a uma prática mecânica. O novo pode surgir de diversas formas. Permitirmos que ele surja depende do/a educador/a que conduz aquela formação, mas isso é uma prática que se adquire agindo, quanto mais liberdade colaborativa ele/a propuser, mais participação e novas ideias poderão surgir.

Atuar com atenção livre para termos condições de perceber e incluir o que o outro traz é fundamental e a sensibilidade para perceber o outro e o mundo, e avaliarmos se estamos tendo uma leitura crítica da realidade. A arte contribui nas formações humanas fortalecendo as relações horizontais, já que todos somos importantes no todo e elemento para ampliar a reflexão, a sensibilidade e a criatividade e, sobretudo, um novo olhar de nós mesmos, da realidade e do outro. Por isso, podemos afirmar a importância da arte para bebês e crianças, mas além disso que ela nos seja apresentada em abundância, em todas as fases da vida, para que nossos sentidos estejam sempre aguçados, em busca de novos gostos, ressignificando o conhecido, duvidando das verdades, revelando nossos outros olhares e nos refazendo, nos reconstruindo dentro de cada contexto.

Outro aspecto fundamental da prática artístico humanizadora demonstrado pelas práticas na cidade de Bolonha é a participação e a diversidade do público nas formações. Elas envolvem desde os/as educadores/as, os bebês e crianças, as famílias, e muitas vezes as equipes de apoio das creches e ocorrem tanto nas creches quanto em encontros pontuais em outros espaços. Então, as práticas formativas não são exclusividade de um grupo seleto de pedagogos, elas são construídas com toda a comunidade que vive a infância naquela cidade. E os conteúdos das formações são compostos por cada um dos presentes, deixando híbrido e intenso o encontro formativo. Essa diversidade faz dos encontros ricos em humanidade, pois ali cada pedaço compõe o todo. Além disso, cada formação preocupa-se profundamente com o contexto de cada encontro, então, quem são os participantes, onde o encontro está sendo realizado, quais os temas levantados pelo

grupo, quais os elementos provocativos, quais as possibilidades de explorações corporais inclusive para os exercícios, enfim, todos esses aspectos pressupõem os encontros formativos humanizadores.

As formações propostas pelo *La Baracca* contam com um aspecto interessante da filosofia do grupo que eles chamam de *coralidade*. Essa ideia significa “onde não há protagonistas”. Isso significa que todos compõem o grupo e que todos são responsáveis juntos pelo resultado. Essa ideia, apesar de parecer simples, tem relação direta com a participação, pois é só por meio da participação de todos que uma boa formação se faz. Apesar da importância de o condutor da formação ser a liderança, esse papel passa de mão em mão, cada um em algum momento conduz o grupo, seja numa dinâmica, seja numa proposta nova, seja num depoimento, onde cada coletivo se compõe a cada formação. Todos têm práticas e experiências importantes a serem compartilhadas e, a partir dessas trocas, é que se ensina, se aprende e se transforma. Não foi surpreendente constatar que, na rede de ensino de Bolonha, as próprias educadoras das creches passaram a propor e conduzir as formações com a participação do teatro para suas colegas. Esse aspecto é proposto também para a formação de creches e pré-escolas no Brasil.

Outro aspecto fundamental para que essas práticas sejam, de fato, humanizadoras é o diálogo. O diálogo freireano é existencial para as relações humanas, ele é feito de aspectos subjetivos como amor, humildade, fé, esperança e pensar crítico. Por isso, o diálogo freireano não é simples troca de palavras, ele é ação transformadora. Só com respeito, criatividade e criticidade pode haver uma relação dialógica, que se constrói na cumplicidade, na certeza de que somos seres incompletos, caminhando para *sermos mais*. Freire (1996) diz que “diálogo é humanização. Testemunhar a abertura aos outros, a disponibilidade curiosa à vida, a seus desafios, são saberes necessários à prática educativa”. Acreditar que as crianças pequenas são sujeitos da criação artística é a primeira questão fundamental para a formação artística.

Uma formação humanizadora pressupõe e promove diálogo. Em Bolonha destaca-se o fato do grupo de teatro *La Baracca* promover o diálogo como essência das relações. Seja nas formações com educadoras e educadores, seja nos espetáculos teatrais, o diálogo é referência. Na prática, o grupo é um ouvinte atento, acessível e disponível. Há sempre a disponibilidade em ouvir as contribuições de todos, colaboradores diretos ou não. A marca do relacionamento é a escuta atenta, por isso, seja estrangeiro, seja educador/a da rede,

seja criança, bebê ou familiar, eles querem ouvir. E ouvem, questionam e refletem, e com isso propõem novas ações. É a maneira como eles atuam e o resultado é excelente e envolvente.

É uma relação dialógica que faz das formações, formações humanizadoras. São as vozes dos artistas, dos profissionais da educação e principalmente das educadoras das creches e dos bebês. Atualmente, como já dito anteriormente, algumas educadoras se tornaram oficinas de teatro, são as professoras das creches que já têm uma intimidade com a linguagem teatral que se propõem a realizar a formação de outras colegas. A partir das suas práticas e provocações, cada oficina é diferente da outra, pois depende totalmente do grupo, do que vem do grupo e das vozes daquele encontro de pessoas. Não só entre as educadoras, mas as formações são realizadas também entre educadoras e pais, e as crianças também participam das formações. Então, é por meio de explorações coletivas que se compõem os desenhos de formações e dos grupos.

Uma descoberta interessante por esses grupos é que as educadoras usam cada vez menos recursos extras como brinquedos e materiais, antes fundamentais tanto para as formações quanto para os encontros educativos. Estes recursos podem se tornar dispensáveis nessa nova condição, a utilização de materiais como blocos, bonecos, casinhas, cadeiras, banquinhos, papéis, canetas, massinhas, entre tantos outros, dá espaço para o lúdico, e assim é possível novas explorações e descobertas. Os objetos e seus estímulos podem impedir às vezes que uma ideia de brincadeira possa acontecer. O foco são os corpos e os espaços como proposta, e eles passam a ser os elementos essenciais. Dessa forma, os bebês, crianças e professores/as passam a ver o outro como um parceiro de criação, a cumplicidade e a criatividade envolvem as relações de uma forma mais descontraída, o que permite mais propostas inusitadas e sensíveis.

Pode parecer assustador para um educador menos disposto ao *desconhecido* eleger o teatro como ferramenta para compor a sua prática educativa, mas como diria Guimarães Rosa, na obra Grande Sertão: veredas, ver “o correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem”. E, para Freire, o “amor é um ato de coragem, nunca de medo, o amor é compromisso (...) onde quer que estejam estes, oprimidos, o ato de amor está em comprometer-se com sua causa. A causa de sua liberdade. Mas esse compromisso, porque é amoroso, é diálogo” (FREIRE, 2005, p. 67).

Coragem é um sentimento exigido de artistas e educadores desde sempre, então, falarmos de formação humanizadora com crianças pequenas, arte e coragem são elementos fundamentais.

Outro aspecto importante é a criatividade. Elemento fundamental para a prática educativa, foi reinventada neste período de pandemia em Bolonha, em relação ao trabalho formativo artístico humanizador e nas criações de produções artísticas. Depois dos primeiros lockdowns, quando a cidade retomou parte de suas atividades, uma alternativa encontrada pelos educadores e artistas foi trabalhar por meio dos vidros nas instalações das creches, essa proposta foi dada por uma das professoras e alguns projetos foram desenvolvidos diretamente com as crianças e bebês, que ficavam de um lado das janelas e com os educadores dessa mesma forma. O projeto ganhou o nome de “além do vidro” (“*Al di là del vetro*”²) e possibilitou que o teatro estivesse no cotidiano das creches mesmo nesse período complexo de contato entre as pessoas.

No Brasil, a contribuição da arte neste período de pandemia também está sendo fundamental, apesar de bebês e crianças estarem na sua grande maioria isolados, via internet professores/as têm tentado propor atividades para serem realizadas em casa, junto às famílias, para suprir a ausência dos espaços escolares. Ainda que o impacto seja menor, há de se destacar o empenho de educadores/as em estimular a criatividade e amenizar as ausências que a distância tem deixado. Porém, o esforço é mais para manter o vínculo amoroso do que para realizar quaisquer atividades, as dificuldades da distância são imensas e, principalmente com bebês, o encontro presencial é insubstituível.

Pudemos conhecer uma das propostas durante os encontros virtuais do 23º. Festival Internacional de Teatro do grupo *La Baracca*, realizado excepcionalmente *on line* por conta da pandemia da Covid-19. Assistimos à performance “A bailarina e o elefante” realizada em uma creche, com muita simplicidade neste projeto “além do vidro”. Nela dois artistas através do vidro, ao som de músicas clássicas disputavam um chapéu compondo um balé admirável. As crianças acompanhavam e gesticulavam do outro lado do vidro, numa experiência muito interessante.

Segundo o site do *La Baracca*, “o projeto “Além do vidro” foi criado para dar auxílio ao disposto no Protocolo “ZeroTreSei ... teatro” assinado com a Área de Educação,

² <https://www.testoniragazzi.it/doc.php?iddoc=3978>

Educação e Novas Gerações do Município de Bolonha, no âmbito das Restrições de emergência da Covid-19. O projeto, realizado em colaboração com a Câmara Municipal de Bolonha, traz a muitos serviços educativos para a primeira infância duas atuações “Além do vidro”, apresentadas enquanto as crianças estão lá dentro, trazidas, graças à cumplicidade do educador ou “casualmente” professor na seção onde está a janela. Uma pesquisa sobre o que uma criança pode sentir e perceber quando se encontra repentinamente, “casualmente” envolvida em uma relação artística, na qual entra sem nenhum rito introdutório e da qual sai em uma dimensão suspensa.

Além do processo criativo em si que o teatro provoca, os espaços e a arquitetura das creches nesse momento delicado de pandemia protagonizaram as formações. As possibilidades de encontros foram potencializadas em alguns espaços físicos com iniciativas como essa do “além do vidro” e em outros momentos só o encontro virtual foi possível. Vale ressaltar, mais uma vez, que o teatro é um caminho para o desenvolvimento humano, ele nos serve em diversos sentidos, mas, especialmente neste momento delicado, pudemos por meio dele dar vazão para medos, tensões, para que cada um de nós pudesse se fortalecer e reconhecer as dificuldades e complexidades do contexto atual. Além de atuar no sentido de fortalecer e aguçar a curiosidade, tanto de educadores quanto de educandos, e isso pode potencializar um encantamento pela vida, pelo outro, pelo corpo, pelos espaços e, sobretudo, pelo gosto em explorar. Estes elementos fazem uma grande diferença para aumentar a confiança e a empatia no prazer de conviver e nos faz admitir como essa prática pode favorecer as relações humanas.

Com tudo isso, podemos afirmar que formações humanizadoras estão comprometidas com o pensar crítico, em promover a criticidade. As escolhas do repertório, a maneira de conduzir uma didática dialógica, o entendimento do contexto, são opções numa prática humanizadora. Mesmo quando o trabalho é com bebês, as escolhas do/a educador/a vão abrir ou não uma porta de possibilidade para a liberdade ou para a obediência. E esse processo promove entendimento e provoca uma atuação deliberada na realidade em si; a criticidade confere ao sujeito a clareza do que fazer e do que se tem feito com questões globais e pessoais, em todos os âmbitos sociais, econômicos e culturais. É uma clareza em relação à leitura da realidade. Quanto mais se compreende as complexidades macro e micro das relações, mais se tem condições de atuar sobre elas.

A educação é, simultaneamente, uma determinada teoria do conhecimento posta em prática, um ato político e um ato estético. Essas três dimensões estão sempre juntas — momentos simultâneos da teoria e da prática, da arte e da política, o ato de conhecer a um só tempo criando e recriando, enquanto forma os alunos que estão conhecendo. Quanto mais o educador percebe com clareza essas características do ensino, mais pode melhorar a eficiência da pedagogia. A clareza a respeito da natureza necessariamente política e artística da educação fará do professor um político melhor e um artista melhor. Ao ajudar na formação do aluno, fazemos arte e política, quer saibamos, quer não. Saber que, de fato, o estamos fazendo irá nos ajudar a fazê-lo melhor (FREIRE; SHOR, 2008, p. 146).

Paulo Freire sempre foi referência para artistas e educadores. Quando por acaso Frabetti e Manferrari se encontraram, não poderiam atuar sem um movimento concreto que possibilitasse uma transformação da realidade, uma disputa política na criação dos protocolos garantiu que todas as crianças de 0 a 6 anos de idade passassem a ter acesso à arte. Desde então a cidade de Bolonha vive, cumpre e exige que as autoridades respeitem e apoiem essa conquista e iniciativa.

A ampla oferta artística na primeira infância gera um estado de interesse e de observação, de que as crianças normalmente já dispõem, mas que, com o estímulo do teatro, aguça e aperfeiçoa a capacidade de observar o mundo e a si mesmos. A observação, a curiosidade e os estímulos sensoriais facilitados pelas políticas públicas, como pudemos constatar na experiência italiana, favorecem uma personalidade mais solidária, humanizada, e propiciam melhor autoconhecimento. Podemos dizer que o convívio com a arte estimula a humanidade e ainda contribui com a construção de uma percepção ética da vida.

Uma trama conceitual sobre uma formação humanizadora com crianças pequenas

O educador problematizador re-faz, constantemente, seu ato cognoscente, na cognoscitividade dos educandos. Estes, em lugar de serem seres dóceis de depósitos, são agora investigadores críticos, em diálogo com o educador, investigador crítico, também.

(Paulo Freire)

A Trama Conceitual Freireana facilita o entendimento da obra de Paulo Freire e é uma representação gráfica que demonstra as possibilidades de interpretação das relações de um determinado contexto.

Para ilustrar as relações neste artigo, desenvolvemos uma trama conceitual freireana sobre uma formação humanizadora, com o intuito de fortalecer os conceitos que entendemos fundamentais para a construção dessa formação, seja ela com bebês, crianças ou adultos.

Segundo Saul e Saul:

As tramas consistem em representações de proposições compostas por conceitos e suas interconexões. A construção de uma trama é uma ação criadora que permite novas sínteses críticas sobre aspectos da teoria e da prática, por meio do entrelaçamento metódico de conceitos e da problematização de suas interrelações. Daí o seu caráter epistemológico, caracterizado pelo rigor teórico de processos e produção de conhecimento, sob uma nova lógica. Não é uma produção estática, necessitando ser revisitada e recriada de acordo com a problemática que se quer explicitar/pesquisar e o momento histórico em que se vive (SAUL; SAUL, 2018, p. 1149).

Para compreender e analisar a construção da Trama Conceitual sobre uma Formação Humanizadora, apresentamos a representação gráfica da Figura 1.

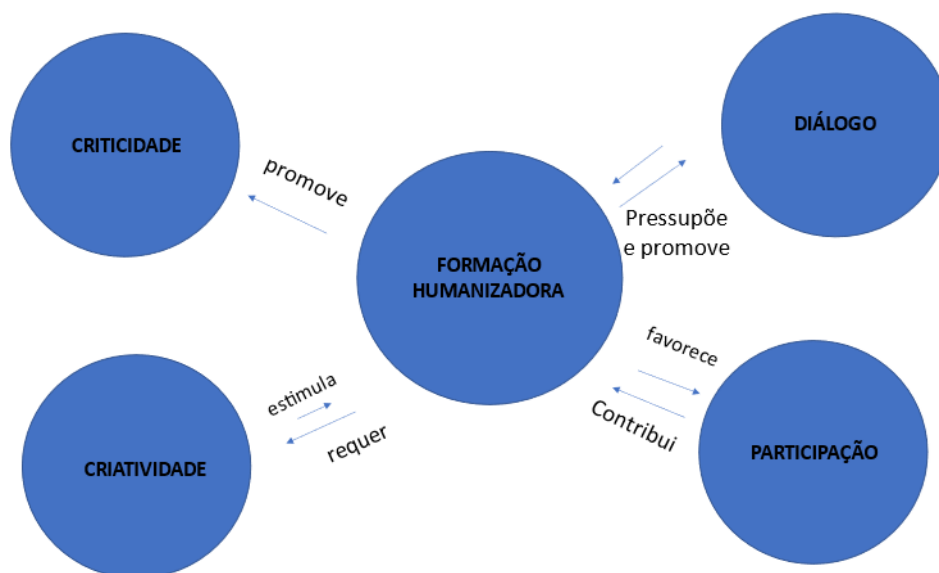


Figura 1 – Trama conceitual freireana de uma formação humanizadora

Fonte: elaborada pelas autoras

Uma leitura possível que fazemos é que uma formação humanizadora para ser significativa e permanente promove a criticidade, pressupõe o diálogo freireano e promove o diálogo, considerando que o diálogo é também condição para essa construção humanizadora, favorece a participação social, e a participação contribui para que uma formação humanizadora seja realizada, requer criatividade e ao mesmo tempo sua realização (práxis) estimula a criatividade.

Os conceitos freireanos são imbricados e uma categoria atrai a outra. Esta aproximação dos conceitos se dá exatamente pelo pensamento epistemológico freireano propor uma transformação social, o que só será possível se essa mudança comprometer todas as instâncias e organizações de uma sociedade. É um processo de redemocratização da humanidade.

Considerações Finais

Paulo Freire propôs uma nova teoria humanizadora, seus pensamentos sugerem uma sociedade livre, sem oprimidos e opressores, democrática, solidária, saudável, sem preconceitos de classe, crença e etnia. A interpretação de suas obras deixa claro que é uma opção sermos freireanos, essa opção está intimamente ligada ao que cada um de nós quer experimentar no mundo, e quando falamos de uma educação libertadora estamos pensando em comunidades com uma produção de conhecimento coletiva, permanente, livre, sem preconceitos, alegre, rigorosa e surpreendente, entre outros aspectos. Mas, sempre, comprometida com a igualdade e dignidade de e para todos os seres humanos. As crianças poderiam ser mais felizes se oferecêssemos a elas a oportunidade de experiências e fazeres artísticos em qualquer uma de suas diversas linguagens: música, pintura, teatro, escultura, cinema, poesia, dança, enfim, que as fizessem sujeitos nessas manifestações. Vamos tentar? Observem o sorriso e o ar de felicidade delas.

Formações humanizadoras com arte são uma das muitas ressignificações que Freire sugere que se faça com suas propostas. Reinventar a boniteza humanizadora freireana com o que temos de mais valioso, cada qual com sua habilidade, cada um confortável em uma área que lhe traz prazer em atuar, mas todos atuando na sua possibilidade máxima e fazendo valer a pena nossa maior preciosidade: nossa existência e a vida!

Sejamos democráticos e peçamos às nossas plateias que nos contem seus desejos, que nos mostrem suas alternativas. Vamos esperar que um dia — por favor, num futuro não muito distante — sejamos capazes de convencer ou forçar nossos governantes, nossos líderes, a fazer o mesmo: perguntar a suas plateias — nós, o povo! — o que devem fazer para tornar este mundo um lugar para se viver e ser feliz — sim, isto é possível! — em vez de apenas um grande mercado onde vendemos nossos bens e nossas almas. Vamos desejar. Vamos trabalhar para isso!

(Augusto Boal)

Referências

- BOAL, Augusto. **A estética do oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- CAETANO, Camila Arelaro. **A Arte na construção de um Bairro Educador: uma inspiração freireana na cidade de São Paulo**. 2015. 97 f. Dissertação (Mestrado em Educação: Currículo) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.
- CAETANO, Camila Gomes Arellaro. **Humanização e Arte: o teatro em uma formação cidadã**. 2020. 127 f. Tese (Doutorado em Educação: Currículo) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.
- EISNER, Elliot. O que pode a educação aprender das artes sobre a prática da educação? **Currículo Sem Fronteiras** [online], v. 8, n. 2, p. 5-17, jul./dez. 2008.
- FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné Bissau: registros de uma experiência em processo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 48. ed. reimp. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia**. Cotidiano do professor. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. In: Ana Maria Araújo Freire (Org.). Paz e Terra. 2016.

LA BARACCA Testoni Ragazzi. **The company:** La Baracca – Testoni Ragazzi. 2019. Disponível em: <<https://www.testoniragazzi.it/doc.php?iddoc=10>>. Acesso em: 20 maio 2021.

SAUL, Ana Maria; SAUL, Alexandre. Uma trama conceitual centrada no currículo inspirada na pedagogia do oprimido. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 16, n. 4, p. 1142-1174, out./dez. 2018.

Submetido em 12/06/2021

Aprovado em 28/06/2021

Licença *Creative Commons* – Atribuição NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)